

TÍTULO DO TRABALHO			
ASPECTOS DA DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO DE GRAMSCI NO BRASIL: PENSAMENTO REMONTADO A VÁRIAS MÃOS.			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Leandro Viana de Almeida	Universidade Federal de Goiás	UFG	Mestrando
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>O presente trabalho procura investigar as relações sociais e políticas que permearam a produção do pensamento de Gramsci na Itália e sua difusão no Brasil. Compreendemos que duas teses, dominantes no marxismo do século XX, estejam diretamente relacionadas com a difusão e os usos do pensamento do autor: a aliança antifascista nas décadas de 1930 e 1940 e a perspectiva do eurocomunismo nas décadas de 1970 e 1980. Concluimos que há elementos nas relações sociais e políticas relacionadas à difusão da obra de Gramsci que se apresentam de maneira <i>apriorística</i> à teoria e que indicam teses e padrões normativos para a ação política. A exposição deste texto segue em três momentos: a) Contribuições da Sociologia do Conhecimento para a leitura do marxismo de Gramsci; b) O marxismo de Gramsci: Movimento de passagem por várias mãos e c) Aspectos da trajetória da difusão de Gramsci no Brasil: pensamento remontado a <i>várias mãos</i>.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Sociologia do Conhecimento, marxismos, Gramsci.			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>Este trabajo investiga las relaciones sociales y políticas que impregnaban la producción del pensamiento de Gramsci en Italia y su difusión en Brasil. Entendemos que dos tesis, dominantes en el marxismo del siglo XX, están directamente relacionadas con la difusión y el pensamiento autor de usos: la alianza anti-fascista en los años 1930 y 1940 y la perspectiva de eurocomunismo en los años 1970 y 1980. Llegamos a la conclusión de que hay elementos en las relaciones sociales y políticas relacionadas con la difusión de la obra de Gramsci que se presentan de manera a priori la teoría e indican que las tesis y los estándares normativos para la acción política. La exposición de este texto sigue en tres etapas: a) Aportes de Sociología del Conocimiento para la lectura del marxismo de Gramsci; b) el marxismo de Gramsci: pasando movimiento a través de varias manos. c): Aspectos de la trayectoria de difusión de Gramsci en Brasil: el pensamiento montado por varias manos.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Sociología del Conocimiento, marxismos, Gramsci.			
EIXO TEMÁTICO			
Poder, Estado e luta de classes			

## **ASPECTOS DA DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO DE GRAMSCI NO BRASIL: PENSAMENTO REMONTADO A VÁRIAS MÃOS.**

**Leandro Viana de Almeida<sup>1</sup>**

O presente trabalho procura investigar as relações sociais e políticas que permearam a produção do pensamento de Gramsci na Itália e sua difusão no Brasil. Não raro Gramsci é conhecido antes de lê-lo, visto os usos casuais de termos como sociedade civil e hegemonia. No Brasil no campo da educação, nas ciências sociais e na prática política utiliza-se, com frequência, temas e categorias abordados pelo autor. No entanto, o uso temático e de alguns conceitos não significa a compreensão de seu pensamento teórico e metodológico.

O desafio epistemológico – se é e como é possível conhecer – trouxe, nesta reflexão, a necessidade de conseguir elementos para reivindicar a história da teoria, bem como as relações sociais que estavam inseridas no contexto de produção e circulação de seu pensamento, questões fundamentais ao marxismo e a sociologia do conhecimento. Haveria um conjunto de ideias e valores dos marxistas brasileiros que indicam possíveis interpretações do autor? Quem é mesmo este autor tão referenciado? Como se deu a produção e difusão do pensamento de Gramsci até a chegada ao Brasil, e quais as relações sociais e históricas envolvidas neste processo?

A interpretação fragmentada de Gramsci está relacionada ao contexto conturbado de produção de sua obra, e difusão de seu pensamento em edições temáticas. Compreendemos que, duas teses dominantes no marxismo do século XX, estejam diretamente relacionadas com a difusão e os usos do pensamento do autor: a aliança antifascista nas décadas de 1930 e 1940 e a perspectiva do eurocomunismo nas décadas de 1970 e 1980. Concluímos que há elementos nas relações sociais e políticas relacionadas à difusão da obra de Gramsci que se apresentam de maneira *a priori* à teoria e que indicam teses e padrões normativos para a ação política. A exposição deste texto segue em três momentos: a) Contribuições da Sociologia do Conhecimento para a leitura do marxismo de Gramsci; b) O marxismo de Gramsci: Movimento de passagem por várias mãos e c) Aspectos da trajetória da difusão de Gramsci no Brasil: pensamento remontado *a várias mãos*.

### **Contribuições da Sociologia do Conhecimento para a leitura do marxismo de Gramsci.**

*Mas é inútil a expressão “do ponto de vista marxista”, aliás, ela pode dar lugar a equívocos e a exageros vazios e verborrágicos. “Marxistas”, “do*

---

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Sociais e Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

*ponto de vista Marxista”: expressões tão desgastadas como moedas que passaram por várias mãos (GRAMSCI, 2004, p.164).*

Gramsci (2004) escreve estas linhas no ano de centenário de nascimento de Karl Marx, com o objetivo de afastar do legado desse pensador uma doutrina que o colocasse como um messias ou profeta. Para Gramsci, também pouco valeria a autodeclaração de marxista e os questionamentos sobre se outros seriam marxistas ou não. Marx seria, assim, um teórico e homem de ação, que entra para a história não por características particulares de sua biografia, mas por trazer sínteses sobre a busca da humanidade pela consciência de si mesma. Pode-se afirmar, a partir da síntese de Gramsci (2004), que Marx contribuiu epistemologicamente com uma teoria do conhecimento e com a práxis política. Por isso Marx ganha importância para a humanidade: “Para apreender o ritmo misterioso da história e dissipar o mistério, para ser mais forte em seu pensamento e em sua ação” (GRAMSCI, 2004, p. 165).

Entendemos que não é possível falar de Marx e do próprio Gramsci sem situá-los no pensamento marxista. *Marxismos* estes que são como moedas gastas no passar das mãos e que hora se perdem e ou se modificam nessas passagens. Nos *Marxismos* há sempre discursos que imprimem compreensões e localizam posições diferentes acerca da teoria e da prática social. Dissensos e conflitos que se tornam visíveis, a exemplo de quando são utilizados termos como ortodoxia, heterodoxia, renovador, revisionista, mecanicista, subjetivista. Entre ataques e defesas para afirmação do marxismo mais válido, estabelecem-se críticos autodeclarados com medidas singulares para seus *Marxssômetros*.

Valemo-nos da crítica de Gramsci (2004) quando essa reitera que o termo marxismo pode dar lugar a equívocos e verborragias. Não faz o menor sentido tentar “beber o Marx mais puro da fonte”, descontaminado dos *ismos* dos marxistas ou proclamar de maneira apressada o autor mais atualizado dentro do campo do marxismo na tentativa de abandonar os arcaísmos do clássico e velho Marx. No entanto, tal posição não significa que não possamos fazer distinções e críticas ao marxismo.

Horkheimer (2014) no texto “Teoria tradicional e teoria crítica”, orienta-nos a pensar a teoria se baseando em uma análise histórica. Nesta acepção, a teoria não pode ser analisada como autônoma, resultante somente da capacidade cognitiva de um teórico. Caso seja apresentada como mera abstração cognitiva, portanto a-histórica, torna-se ideológica.

Michael Löwy define a Sociologia do Conhecimento como “o estudo das relações entre classes ou categorias sociais e conhecimento científico da sociedade” (LÖWY, 2013, p.23). Löwy (2013) reporta-se a Mannheim para pensar a Sociologia do Conhecimento e o conceito de ideologia

em oposição à utopia<sup>2</sup>. O autor defende a tese de que o positivismo nega condicionamentos históricos e sociais do conhecimento, e que o axioma da neutralidade científica é uma ilusão, uma mistificação da realidade. Não seria possível, desta maneira, fazer pesquisa a partir da “boa vontade” positivista, de tentar afastar os pré-conceitos da análise científica.

Os que pretendem ser sinceramente seres objetivos são simplesmente aqueles nos quais as pressuposições estão mais profundamente enraizadas. Para se liberar destes “preconceitos” é necessário, antes de tudo, reconhecê-los como tais: ora a sua principal característica é que eles não são considerados como tais, mas como verdades evidentes, incontestáveis, indiscutíveis. Ou melhor, em geral eles não são sequer formulados, e permanecem implícitos, subjacentes a investigação científica, às vezes ocultos ao próprio pesquisador. Eles constituem o que a sociologia do conhecimento designa como o campo do comprovado como evidente, um conjunto de convicções, atitudes ou idéias (do pesquisador e de seu grupo de referência) que escapa à dúvida, à distância crítica ou ao questionamento (Löwy, 2013, p.43) (grifo do autor).

Entende-se que as distinções dentro do pensamento marxista não possam se dar por meras declarações afirmativas. É por meio de um procedimento racional, o qual submete a própria teoria à razão, que se torna possível a construção da crítica dentro do marxismo. Posição que apresenta como caminho o desocultamento das práticas sociais, históricas e políticas que permeiam a teoria. Assim, partindo de uma análise histórica e social, é possível construir a crítica à teoria, e em particular ao marxismo.

Compreendemos, portanto, que o Marxismo é uma categoria importante para a compreensão da teoria social e da realidade, pois configurou-se como uma prática histórica e social. A presente afirmativa é estruturante da nossa análise, sendo um exercício de inquietude, de busca por desvelar e compreender as relações sociais imbricadas na teoria marxista de Gramsci.

Desta forma compreendemos que as relações sociais que estão relacionadas ao contexto de produção da obra de Gramsci e, sobretudo a difusão da sua obra, apresentam intrínsecas relações com a política. Os grupos de referência, que difundiram o pensamento de Gramsci, leia-se Partido Comunista Italiano e intelectuais relacionados a ele, construíram edições temáticas da obra de Gramsci e montaram estratégias de ação com base em interpretações do pensamento do autor. Acontece que tais edições e interpretações tornaram-se condicionantes, a priori, que antecedem a

---

<sup>2</sup>Conforme o autor, “ Ideologia designa, nesta acepção, os sistemas de representação que se orientam na direção da estabilização e da reprodução da ordem social vigente – em oposição ao conceito de utopia, que define as representações, aspirações e imagens-de-desejo (Wunschbilder) que se orientam na direção da ruptura da ordem estabelecida e que exercem uma função subversiva (umwälzende Funktion)” (LÖWY, 2013, p.19).

interpretação do autor. Ser leitor de Gramsci significou defender teses para ação política, em tempo histórico posterior à produção da sua obra e em outras realidades, no caso o Brasil de 1980.

### **O marxismo de Gramsci: Movimento das passagens por várias mãos.**

A produção intelectual de Gramsci se dá na primeira metade do século XX, e a difusão de seu pensamento só se efetiva na segunda metade do século XX. Essa delimitação temporal pode auxiliar na análise das particularidades históricas que constituem os momentos da produção e da difusão de seu pensamento. Em relação ao contexto de produção da teoria, as três primeiras décadas do século XX, destaca-se como marcas do contexto: a crise econômica mundial, a ascensão do fascismo na Itália e nazismo na Alemanha. Na história do marxismo, um período definido pelos debates da Segunda e Terceira Internacional Comunista.

Marca o período de difusão de seu pensamento o enfrentamento ao fascismo e a abertura política na Itália, o stalinismo e o relatório de denúncia dos crimes de Stálin, a tentativa do Partido Comunista Italiano, e outros partidos comunistas da Europa, de construir uma alternativa democrática ao marxismo, intitulada de eurocomunismo. São pessoas-chaves para a localização da difusão do pensamento de Gramsci Palmiro Togliatti, do Partido Comunista Italiano, e Carlos Nelson Coutinho, intelectual marxista que traduziu a obra de Gramsci no Brasil.

Neste sentido, compreendemos que duas teses dominantes no marxismo, e produzidas em contextos distintos do século XX, estejam diretamente relacionadas com a difusão e os usos do pensamento de Gramsci. A aliança antifascista (nas décadas de 1930 e 1940) e a perspectiva do eurocomunismo (nas décadas de 1970 e 1980).

Na direção do que foi apresentado anteriormente por Horkheimer (2014) e Löwy (2013), Hobsbawm (2012) entende que um pensador só pode ser compreendido se localizado o contexto histórico e político de sua produção teórica. Neste sentido, mostra que na Itália, no período que Gramsci vivenciou, havia particularidades históricas que influenciaram a originalidade de seu pensamento.

Transcorremos, a seguir, os seis elementos indicados por Hobsbawm (2012). *Primeiro*, a Itália se apresentava como um microcosmo do capitalismo mundial, convergindo regiões atrasadas e desenvolvidas do ponto de vista econômico, sendo passível de interpretações relacionadas tanto a países altamente industrializados como do terceiro mundo. *Segundo*, o movimento operário na Itália era tanto industrial quanto agrário, sendo que o local de maior influência do movimento comunista se deu na parte do sul, região característica de trabalhadores rurais. *Terceiro*, a demora na unificação da Itália enquanto Estado-nação, e uma revolução burguesa “incompleta” que foi

construída pelo alto, e que não havia conseguido unificar a nação. *Quarto*, a importância da igreja dentro da Itália, que seria um elemento para se pensar a hegemonia e a coerção pela autoridade. *Quinto*, a expressiva tradição do pensamento político italiano tendo como expoentes Maquiavel, Pareto, Mosca, Sorel e Michels. *Sexto*, a Itália como um campo de tensão social em que havia condições subjetivas e objetivas para uma revolução social.

Para além das particularidades históricas da Itália que influenciaram Gramsci, é válido relatar que, vivendo na expectativa do pós-revolução russa, Gramsci teve como uma das preocupações centrais a construção da revolução na Itália e, ainda, que neste período as disputas e conflitos dentro do marxismo se davam nas internacionais comunistas. Os debates das teses produzidos nas internacionais reverberavam em práticas que orientavam a ação política. O período de vida de Gramsci está situado no contexto histórico da Segunda Internacional<sup>3</sup> (1889-1917), hegemônica por Kautsky do Partido Social Democrata Alemão, e início da Terceira Internacional (1919-1943), em que Lênin e a Revolução Russa viraram modelo para revoluções socialistas no mundo.

Na verdade, um dos obstáculos para se entender sua obra é o fato de pressupor familiaridade com situações e discussões que hoje são desconhecidas da maioria das pessoas ou já foram esquecidas. Assim, Perry Anderson, nos lembrou recentemente que parte do pensamento mais característico de Gramsci elabora temas surgidos nos debates do Comintern no início da década de 1920 (HOBSBAWM, 2012, p. 291)

Nota-se, portanto, que o desconhecimento das discussões da história do marxismo e dos movimentos e disputas dentro do próprio marxismo tornam-se empecilhos ao estudo da obra de Gramsci. Disputas e teses que por vezes interferem também na difusão, aceitação ou repulsa do pensamento desse autor marxista. Parece haver, portanto, elementos da política e da história que, por vezes, precedem a teoria.

A considerar essa perspectiva, observamos que a obra de Gramsci está intimamente ligada aos debates de táticas e estratégias no interior do marxismo da época da produção da teoria, bem como dos períodos de difusão da obra. Assim, em função das teses hegemônicas no marxismo, em locais e períodos históricos determinados, podemos analisar os movimentos de maior de aceitação ou repulsa das teses gramscinianas.

O cenário político e social das primeiras décadas do século XX colocaram questões ao pensamento social. A expectativa de que as revoluções pudessem se espalhar pela Europa foi uma aposta que não se concretizou na realidade. Ao invés disso, o fascismo como regime político

---

<sup>3</sup>Participaram das discussões da Segunda Internacional marxistas importantes: Kautsky, Rosa Luxemburgo, Plenakhanov, Trotski, Martov e Ryazanov (HOBSBAWM, 2012, p. 292).

conquistou maior adesão dos trabalhadores. A avaliação de que estariam postas, na Itália, as condições objetivas e subjetivas para um processo revolucionário foi discutida por Gramsci dentro do turbilhão da luta política. A questão de por que a classe trabalhadora adere ao fascismo está diretamente relacionada ao seu objetivo de estudar os intelectuais vinculados à igreja, e à busca do entendimento do autor sobre os mecanismos de coerção, que nem sempre se valem do uso da força, para se conquistar hegemonia.

Para Gramsci, o fascismo é uma forma de revolução passiva. A *revolução passiva* se daria por concessões por parte da classe dominante aos trabalhadores, para impedir um processo revolucionário, definindo na prática a impotência da classe trabalhadora. Seria um processo de mudança por meio de decisões por cúpulas, pelo “alto”, em que o povo teria uma participação secundária.

Coutinho (1978; 2009, 2011) nas introduções das edições brasileiras das obras de Gramsci, nos auxilia na compreensão da biografia<sup>4</sup> do autor. Como síntese vale registrar que Gramsci vivenciou o período entre as duas grandes guerras mundiais. Nasceu em 1891, na região da Sardenha, atualmente Itália. Foi jornalista e chegou a ser deputado pelo Partido Comunista da Itália. No entanto, sua biografia é marcada pelo cárcere, no qual ficou por quase onze anos, tendo início em 1926 e término em 1937, poucos meses antes de seu falecimento em uma clínica médica. Sua produção, inicialmente se deu nos jornais e revistas vinculados ao Partido Socialista (PSI) e ao Partido Comunista (PCI), dentre estes: jornal *Avanti!*, jornal *Corriere Universitário*, *Il Grido Del Popolo*, *L'Ordine Nuovo*, *L'Unità*. Neste período, de 1910 a 1926, está uma parte significativa da produção de Gramsci. Tais obras foram definidas como sendo a produção pré-carcerária. Gramsci não tinha interesse de publicar tais textos em um livro, pois entendia que estas publicações se perderiam no tempo. Encontram-se neste montante mais de 1700 escritos, sendo que nem todos os textos são de análise política. Incluem também críticas de arte, questões relacionadas ao folclore e notícias da Itália das três primeiras décadas do século XX. A parte posterior da produção de Gramsci refere-se ao momento em que o autor encontra-se encarcerado nas prisões fascistas. Nesse período, Gramsci produziu 32 cadernos, os quais ficaram conhecidos como “Cadernos do cárcere”. A produção destes cadernos não se deu durante todo o tempo em que esteve preso, teriam sido escritos no período entre 1929 e 1935, ou seja, seis dos quase onze anos de prisão.

Os sucessivos trânsitos entre prisões e a penúria da vida na cadeia são relatadas nas cartas que foram enviadas a familiares, militantes e amigos de Gramsci. Material rico para o estudo do e sobre o autor, pois se tornam perceptíveis as condições nas quais foram produzidas as anotações dos cadernos e explicitam-se intenções de pesquisa de Gramsci. A leitura das cartas demonstra as

---

<sup>4</sup>Além das introduções dos livros, Coutinho (2011) organiza uma ontologia do pensamento de Gramsci intitulada *O leitor de Gramsci: escritos escolhidos*. Nesta seleção da obra existe uma cronologia detalhada da vida de Gramsci.

condições de produção da obra, das quais a escassez alimentar e os problemas de saúde são realidades a serem enfrentadas.

Gramsci, na prática política e no seu pensamento teórico, as quais não se separavam na sua perspectiva – práxis – sofreu várias censuras e edições que estão relacionadas a questões políticas. Censuras estas que ocorreram também dentro do próprio Partido Comunista, inclusive antes de sua prisão. Guerratana (1997) contextualiza as disputas internas do Partido Comunista Italiano (PCI) e as suas relações com a Internacional Comunista e o Partido Comunista Russo.

A linha de Gramsci, que reuniu em torno de si um novo grupo dirigente “centrista”, prevaleceu a seguir do III Congresso do Partido Comunista da Itália, realizado em Lyon, em Janeiro de 1926. Alguns meses depois, porém suas relações com a Internacional Comunista sofreram um primeiro abalo, com sua iniciativa de escrever uma carta ao comitê central do Partido Bolchevique em razão das divisões internas daquele partido. Mesmo criticando a oposição, a carta também trazia reservas sobre os métodos da maioria (Stalin-Bukharin), e por esse motivo Togliatti, então representante em Moscou dos comunistas italianos, considerou oportuno não entregá-la oficialmente (GERRATANA, 1997, p. 1).

A carta, a que se refere Gerratana (1997), datada de outubro de 1926, nove anos após a revolução russa e poucos meses antes de Gramsci ser preso, apresenta críticas aos conflitos que interferiam na unidade interna do Partido Comunista da URSS. Gramsci já visualizava, portanto, as crises<sup>5</sup> que assolavam o PC da URSS. Esse documento é endereçado ao comitê central do partido com uma dupla intenção: solicitar ao grupo da esquerda do partido, representada por Zinoviev, Trotski e Kamanev<sup>6</sup>, que respeitasse os espaços de democracia formal do partido; e dizer à direita do partido, que já se formava pela disputa de hegemonia de Stálin e Bukharin, que a unidade do partido não se desse de *maneira mecânica, coercitiva*, e que não vencesse a minoria de maneira *esmagadora*.

Palmiro Togliatti, o qual considerou oportuno não entregar a referida carta, chegou a ser secretário político do PCI, maior hierarquia dentro um partido marxista leninista, membro do *Comintern*, e aderiu à Terceira Internacional Comunista. A relação de Togliatti é ambígua em relação a Gramsci. Se por um lado ele boicota a ação política de Gramsci, nesse trecho sobre a carta

---

<sup>5</sup>Segue trecho da argumentação de Gramsci na carta sobre a crise interna no PC da URSS: “Vocês sabem que todos os partidos da internacional herdaram da velha social democracia e das diversas tradições nacionais existentes nos diversos países (anarquismo, sindicalismo, etc) uma massa de temas ideológicos que representam a fonte de todos os desvios de direita e de esquerda. (...) Na ideologia e na prática do bloco das oposições, renasce plenamente toda a tradição da socialdemocracia e do sindicalismo, que impediu até agora o proletariado de se organizar em classe dirigente” (Gramsci, 2006, p. 4,7).

<sup>6</sup>A esses três membros do Comitê Central Gramsci assim se direciona: “Especialmente a eles nos dirigimos como os maiores responsáveis pela atual situação, já que gostaríamos de estar seguros de que o Comitê Central do PC da URSS não pretende vencer de modo esmagador essa luta e está disposta a evitar medidas excessivas” (GRAMSCI, 2006, p. 7).



endereçada a Internacional Comunista, por outro, utiliza de concepções políticas de Gramsci para dirigir o Partido Comunista da Itália e para interpretar o estudo da realidade: “Pode-se dizer que PalmiroTogliatti dirigiu o Partido Comunista Italiano segundo linhas Gramscinianas, ou pelo menos segundo sua interpretação das linhas Gramscinianas” (HOBSBAWM, 2012, p.285).

Hobsbawm (2012), alerta sobre os riscos de se cometer anacronismo no estudo de teóricos vinculados à década de 1930. O marxismo da Terceira internacional, marxismo-leninismo, tornou-se *o marxismo* oficial. Os cursos de “materialismo dialético e materialismo histórico” que influenciaram a formação dos marxistas no mundo contavam com um pequeno quadro de referenciais, dentre estes estavam Lênin, Stalin e Plekanov.

Havia, neste período, aspectos que dificultavam o acesso a outras obras do pensamento marxista. Um deles seria a censura stalinista que impedia e recriminava leituras, a exemplo dos textos de Trotski. E não de menor importância, a dificuldade de acesso e tradução de livros em diferentes línguas. Além disso, a obra marxista não era difundida e aceita dentro das universidades como um amplo repertório de autores. Sendo assim, não se pode analisar a década de 1930 com a mentalidade pós década de 1960, na qual são mais evidentes embates e posições distintas dentro do marxismo. Neste sentido, conforme Hobsbawm, vale destacar que:

Muitos dos novos marxistas da década de 1930 estavam desinformados em relação a interpretações alternativas da teoria marxista – mesmo os novos marxistas ligados a corrente que veio a ser chamada de “marxismo ocidental”, que eram ou tinham sido identificados com o bolchevismo ou com seus simpatizantes. Mais: à diferença dos marxistas do fim do século XX, não estavam muito interessados em controvérsias sobre teoria entre marxistas (a não ser na medida que estivessem inseridas no corpus impositivo de Lênin e Stálin ou declaradas compulsórias por decisões soviéticas ou do Comintern) (HOBSBAWM, 2012, 263, grifo do autor).

De um modo geral, a pauta de unificação do movimento comunista, no período da crise econômica Mundial de 1929, foi o risco eminente do fascismo se espalhar na Europa e em outros lugares do mundo. Em função do medo do fascismo, foi constituída a tese de *frentes populares* que tendiam a se tornar *frentes nacionais*. Tais frentes abandonavam a perspectiva de classe contra classe, construindo uma frente ampla com todos aqueles que eram contra o fascismo. O campo de alianças dos marxistas ampliou-se a estes. Aliaram-se neste período também aos liberais. O fascismo de Mussolini tornara-se um perseguidor de diferentes tendências políticas: “Se o fascismo extirpasse Marx, extirparia também Voltaire e John Stuart Mill. O fascismo rejeitava o liberalismo em todas as suas faces como também rejeitava o socialismo e comunismo” (HOBSBAWM, 2012, p. 245).

Esta tese do marxismo, dominante na primeira metade do século XX, esteve diretamente relacionada com a difusão e usos do pensamento de Gramsci. Com Hobsbawm (2012) percebemos que a tese antifascista defendia que a luta contra o fascismo era um caminho para a revolução socialista, questão que era inicialmente uma política tática e que se tornou estratégica. Nesta tese, abria-se discussão para outra forma de revolução, diferente do modelo soviético, uma revolução democrática popular: “Togliatti propunha agindo como porta voz do cominter, era uma estratégia de transição para o socialismo, nascida das condições concretas da luta antifascista, neste caso na forma de guerra civil, e diferente do processo revolucionário russo de 1905-1917”. (HOBSBAWM, 2012, p. 278).

Palmiro Togliatti utiliza das teses de Gramsci para defender a estratégia da revolução democrática popular na Itália. Organiza e publica fragmentos de sua obra e torna-se responsável pela disponibilização do pensamento de Gramsci na Itália. Hobsbawm atenua a situação das edições e censuras entendendo que Togliatti preservou e publicou os textos de Gramsci; trabalho sem o qual o sardo não seria conhecido na atualidade:

As deficiências e omissões editoriais dos primeiros anos do pós-guerra foram o preço a pagar pela divulgação do pensador; em retrospecto, um preço que valeu a pena. Graças à determinação de Togliatti e ao novo prestígio do PCI, ao menos as cartas foram publicadas em vários países, inclusive em algumas ‘democracias populares’ antes da morte de Stálin. Onde os partidos comunistas não as publicaram, ninguém mais o fez (HOBSBAWM, 2012, p. 303).

Ana Maria Said (2009) ressalta que Togliatti publicou as Cartas do cárcere em 1947, dez anos após o falecimento de Gramsci. A autora afirma que Togliatti tinha como intencionalidade torná-lo um mito para fortalecer a linha política adotada pelo PCI em um governo de coalizão que pretendia fortalecer o regime democrático na Itália. A apresentação da obra de maneira fragmentada também poderia ter sido uma forma de burlar o stalinismo, apresentando Gramsci como um intelectual ou filósofo e não como dirigente político, o que, na opinião da autora, certamente seria barrado pelo stalinismo. No entanto, ela mostra que a maneira como o partido aparecia nas cartas de Gramsci foi também motivo de censura por parte de Togliatti:

Ainda em 1965, das 428 cartas publicadas, 119 eram inéditas. Algumas argumentam determinados autores, encontravam-se com familiares que não queriam vê-las publicadas. Carlo, irmão de Gramsci conservou suas cartas até o fim de 1963, afirmando que “abordavam temas de caráter familiar e íntimo”. Preocupação constante para Togliatti, na realidade as cartas revelavam o lado penoso e afetivo da vida de Gramsci. Mostravam seu verdadeiro estado na prisão, seu contato com *persone non grate* (pessoas não gratas) à direção do Partido

Comunista da URSS e do PCI, e por isso não foram publicadas na primeira edição (SAID, 2009, p. 46) (grifo da autora).

Compreendemos, portanto, que os usos políticos que Togliatti e o Partido Comunista Italiano fizeram do pensamento de Gramsci são chave para compreensão da divulgação e interpretação da teoria do autor no final da primeira metade do século XX e início da segunda metade deste século. A obra de Gramsci, lançada em 1947, de maneira gradual –primeiro, cartas selecionadas e, depois, edições temáticas também eleitas por Togliatti – serviu para apresentá-lo como vítima do fascismo e ocultar conflitos, censuras, e omissões no interior do PCI, bem como de práticas stalinistas da Terceira internacional.

Com base em Hobsbawm (2012) e Said (2009) compreendemos que o fator significativo na interpretação da lógica da difusão do pensamento de Gramsci é que a censura das cartas e a intencionalidade dos recortes de sua obra em temas serviu para a construção de um caminho a seguir para a esquerda Italiana, bem como para a disputa em que a tese defendida pelo PCI torna-se dominante no marxismo italiano. Em síntese, o que se vai revelando é que há elementos da prática social e política deste período que precede a teoria, que por sua vez constroem elementos *a priori* na compreensão do pensamento de Gramsci, acabando por Indicar uma interpretação *correta* do autor e se valer desta interpretação para indicar um padrão normativo para a ação política da esquerda italiana.

Em outras palavras, entendemos que a primeira divulgação massiva do pensamento de Gramsci, estratégia política de Togliatti, foi funcional à tese que o PCI defendia para a intervenção na realidade italiana: um campo de alianças amplo, para além da classe, para derrubar o fascismo e, após a queda de Mussolini, serviu para justificar o apoio e a manutenção de um regime democrático de coalizão. Assim, as relações sociais e políticas do período estão diretamente relacionadas com a divulgação do pensamento do autor, de como foi interpretado o pensamento gramsciniano e de como a esquerda italiana justificou a ação política. Ademais, é essa forma de apresentação do pensamento gramsciniano, de certa forma *montada a várias mãos, moldada* a interesses daquele momento histórico que, posteriormente, chegará ao Brasil.

A segunda tese do marxismo, dominante na segunda metade do século XX, com maior efervescência nas décadas de 1970 e 1980, a qual também esteve diretamente relacionada com a difusão e usos do pensamento de Gramsci, foi o eurocomunismo<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup>Conforme Bottomore (1998) , “Eurocomunismo foi um movimento de mudança estratégica e teórica iniciado na década de 1970 por vários dos partidos comunistas dos países capitalistas – os partidos de massa da Itália, da Espanha e da França, bem como numerosos partidos menores – em relação ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética – PCUS, em 1956. Para os eurocomunistas, era necessário atrair novos eleitores, além da classe operária – em particular das camadas médias e estabelecer alianças funcionais entre outras forças políticas. O caminho para o socialismo deveria ser pacífico, democrático, e construído a partir da realidade nacional. As experiências dos maiores

No final da década de 1970 e início dos anos 1980, o gramscismo tem, ainda, contra, a interpretação, a orientação do PCI eurocomunista, inclusive no Brasil. A referência é o *compromisso histórico* de Enrico Berlinguer, enquanto chefe do partido, e a noção de *democracia como valor universal*, e sob o modelo eurocomunista (SAID, 2009, p. 59).

O eurocomunismo possui algumas similaridades com a primeira tese do enfrentamento ao fascismo que vigorou no início do século XX. Ambas são teses que colocam extrema importância à questão da democracia e uma necessidade estratégica de um campo de alianças amplo, para além de uma classe. A perspectiva de democracia universal da tese eurocomunista é compreendida por Said (2009) como uma preocupação com a “melhoria da qualidade de vida” sem o “rompimento frontal com o capitalismo”. Ou como uma cópia mal feita da social democracia, como afirmou Bottomore (1998). Torna-se, assim, significativo para se pensar os usos de Gramsci e os limites deste marxismo que rebaixou sua capacidade interpretativa em função do pragmatismo da ação política.

Novamente, um *a priori* de relações sociais e políticas precede a teoria de Gramsci e orienta suas interpretações. Não foi por acaso que os debates em torno do eurocomunismo na Itália caminharam para um revisionismo da teoria do sardo. Neste *revisionismo* perdia-se a tinta, tornando-se um marxismo raso, afirmativo e funcional à ordem social estabelecida. Norberto Bobbio, representante da perspectiva liberalizante de Gramsci, apresentava-se como agente de *renovação* do marxismo nos debates do PCI e na academia. A principal busca de Bobbio, a democracia, torna-se uma síntese particular entre pensamentos políticos e epistemológicos opostos<sup>8</sup>.

Em relação a difusão e apropriação de Gramsci no cenário mundial observamos a distinção temporal realizada por Hobsbawm (2012) em décadas considerando o falecimento do marxista sardo em 1937. Na primeira década pós-morte, Gramsci é pouco conhecido, mesmo na Itália. Na segunda década, torna-se muito conhecido na Itália com as publicações da editora Einaudi<sup>9</sup>, no entanto, um desconhecido fora do país de origem. De acordo com Hobsbawm, fracassam as tentativas de publicação na Grã-Bretanha e EUA, e, fora da Itália, Gramsci praticamente só é

---

partidos comunistas na década de 1980 demonstraram sérias debilidades e acabaram por se confundir com cópias mal feitas das perspectivas social-democratas” (BOTTOMORE, 1998, p.144)

<sup>8</sup> Mondaini não faz distinção das inconsistências epistemológicas apenas apresenta a junção de características tidas como positivas. “Sua proposta de fusão dos aspectos positivos do liberalismo e do socialismo, seu projeto uma via “socialista liberal” realizaram verdadeiro encontro das duas tradições do pensamento político ocidental com a democracia, forjam num só corpo os três braços da cidadania: as liberdades civis, as garantias políticas, e os direitos sociais. Em suma Bobbio leva a cabo uma síntese democrática entre socialismo e liberalismo, baseada firmemente numa visão pluralista de mundo” (MONDAINI, 2000, p. 1).

<sup>9</sup>Editora que publicou os textos de selecionados por Togliatti (PCI). A primeira seleção das cartas foi publicada em 1947.

conhecido pelos comunistas que sabiam ler Italiano. Na terceira década, a de 1960, na acepção do historiador, Togliatti torna-se “porta voz independente” das teorias do autor, isso no período de *desestalinização*, pós 1956. Fora da Itália ele começa a ser conhecido, no entanto, dentro do PCI começam a haver críticas e diferenças das interpretações da obra de Gramsci. Ele é lido, nesta época, fora dos PCs, adentrando as universidades. Contudo, é na década de 1970 que se torna conhecido, após a edição completa das Cartas do cárcere, em 1965, e com a edição dos Cadernos do Cárcere publicada em 1975:

Finalmente, na década de 1970, Gramsci foi plenamente reconhecido. Na Itália, suas obras ganharam uma satisfatória apresentação acadêmica, com uma edição completa das cartas do cárcere (1965), a publicação de vários trabalhos antigos e políticos, e, sobretudo, o monumento acadêmico que devemos a Guerratana – a edição, em ordem cronológica, dos cadernos do cárcere (1975). Tanto a biografia de Gramsci quanto o seu papel na história do Partido Comunista tornaram-se então, bem mais claros, graças, em grande parte, ao sistemático trabalho histórico realizado com base nos próprios documentos do partido, que promoveu e estimulou a iniciativa (HOBSBAWM, 2012, p. 286).

O trecho acima evidencia que a edição Guerratana dos cadernos, que os publicados sua integralidade e em ordem cronológica, ressignifica as possibilidades interpretativas do texto de Gramsci, questão determinante para sair dos recortes temáticos e censuras, permitindo outro acesso da obra do autor. Retomando a ideia de Said (2009), nesta publicação tornam-se acessíveis 119 cartas que não foram dispostas na edição Togliatiana de 1947.

### **Aspectos da trajetória de entrada e difusão de Gramsci no Brasil: pensamento remontado a várias mãos**

Localizadas estas duas teses que interferiram diretamente na difusão do pensamento de Gramsci, seguimos para compreender a chegada de seu pensamento no Brasil em que além da influencia das duas teses citadas temos uma particularidade na edição da obra de Gramsci. Não são poucos os que apontam Carlos Nelson Coutinho como referência principal para as leituras de Gramsci no Brasil. Tal fator chega a notório grau de reconhecimento porque Coutinho traduziu a obra para português e foi sujeito determinante na difusão de Gramsci na academia e nos partidos de esquerda, militou no Partido Comunista Brasileiro - PCB até a década de 1980 e, posteriormente,

ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores. Além disso, segundo Semeraro (2012) as análises e interpretações de Coutinho sobre a realidade brasileira tornaram-se significativas para o pensamento social brasileiro.

Coutinho (2009) ao traçar um panorama histórico da incorporação do pensamento gramsciano no Brasil o divide em dois ciclos. O primeiro, inicia na chegada, na década de 1960, com as primeiras traduções, em que Gramsci ainda era um desconhecido entre os brasileiros. Inicialmente, foi apresentado como um filósofo capaz de trazer uma leitura filosófica e histórica do marxismo. Neste momento, operava uma ambiguidade insustentável, na opinião de Coutinho: a coexistência do “marxismo ocidental” na cultura e do “marxismo leninismo” na política. Foram publicadas a seleção das *Cartas do Cárcere*<sup>10</sup> e as edições temáticas dos cadernos – *A Concepção dialética da história, Os intelectuais e a organização da cultura, Literatura e vida Nacional e Maquiavel*. O período teve uma fraca repercussão na difusão do pensamento de Gramsci por uma frágil aceitação da esquerda à posição do PCB, que não aderiu à luta armada.

O segundo ciclo, apontado por Coutinho (2009), deu-se na segunda metade da década de 1970, durante o início do processo de abertura política e de retorno do exílio de parte da intelectualidade de esquerda. Neste período, os gramscinianos identificavam-se como eurocomunistas, parte significativa vinculada ao PCB. Havia uma disputa entre o grupo eurocomunista e a direção do PCB, sendo que aquela foi derrotada para o que Coutinho nomeava de “nova teoria do socialismo”. A posição eurocomunista, inicialmente localizada pelos intelectuais do PCB, expandiu-se para as universidades e se tornou majoritariamente constituída desde a fundação do Partido dos Trabalhadores – PT no Brasil.

Desta maneira, inicialmente o elemento chave para a compreensão da difusão do pensamento de Gramsci foi a tese antifascista de frentes populares e os detalhes relacionados e as edições temáticas de Togliatti. No entanto, é em neste segundo momento de evidencia da tese eurocomunista é que Gramsci torna-se conhecido no Brasil. Carlos Nelson Coutinho e outros intelectuais eurocomunistas tem forte influência neste cenário. Coutinho, aos vinte e dois anos, traduz, em 1966, o primeiro livro em português de Gramsci e se mantém traduzindo, interpretando e utilizando categorias do sardo para a compreensão da realidade brasileira por mais de cinquenta anos. É assim tradutor, difusor e interprete da obra de Gramsci no Brasil.

---

<sup>10</sup> Seleção de Togliatti, publicada na Itália em 1947, foi traduzida e publicada no Brasil em 1966. O livro *A concepção dialética da história* também foi publicado no mesmo ano (1966), contudo, houve uma censura da ditadura militar brasileira que modificou o título do livro. Após o fim da ditadura civil-militar no Brasil o texto foi publicado nos *Cadernos do Cárcere* com o título mais próximo do original, “Introdução ao estudo da filosofia: A filosofia de Benedetto Croce”.

No entanto, o que percebemos e apresentamos neste texto é que as relações sociais e políticas construíram, a princípio, a teoria de Gramsci e indicaram padrões normativos para a ação política. Ser leitor de Gramsci, na década de 1980, tem uma forte relação com se auto-nomear “renovador” e “eurocomunista”. O Gramsci que chega ao Brasil com força em 1970 é o Gramsci editado por Togliatti em 1947, como estratégia para disputar hegemonia da política italiana da tese antifascista. É também o Gramsci funcional às pautas dos eurocomunistas do (PCI) e do (PCB), na década de 1980 e que influenciou a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). Transcrevemos a seguir uma entrevista de Coutinho que auxilia na identificação das relações sociais e políticas que contribuíram em sua formação intelectual:

Minha ida para a Itália foi certamente um dos momentos mais importantes na minha formação política e intelectual. Lembro-me de quando cheguei na Itália, liguei a televisão e vi Enrico Berlinguer, então secretário do PCI, dando uma entrevista do qual dizia mais ou menos o seguinte: “Sinto-me mais protegido, para fazer o socialismo que eu quero, sob o guarda-chuva da OTAN do que no pacto de Varsóvia”. Eu que ainda pensava com a cabeça de Palmiro Togliatti e, portanto, era bem menos crítico em face da URSS, pensei: “mas esse cara é um traidor, isso é um absurdo completo”. Terminei, porém, a partir da minha experiência com o PCI, tornando-me “eurocomunista”. Tinha ainda alguns preconceitos “marxista leninistas” quando fui para a Itália. Nunca fui stalinista, até porque tive a sorte de entrar no PC quatro anos depois da denuncia dos crimes de guerra do Stálin. Nunca foi pró união soviética, sempre tive uma forte dúvida em relação ao socialismo que lá era construído, mas ainda tinha meus preconceitos. Dizer que a OTAN era melhor que o Pacto de Varsóvia foi algo que me chocou profundamente. Mas, ainda que até hoje tenha dúvidas se essa era a real alternativa, aprendi muito nessa minha estada na Itália. Meu ensaio “A democracia como valor universal” não teria sido escrito se não fosse esse meu período italiano(...)No sexagésimo aniversário da revolução bonchevique, Berlinguer foi a Moscou e fez um discurso duro, em que dizia que a democracia é um valor histórico-universal irrenunciável. Gostei da expressão e usei um pouco como *slogan*. Eu diria que o período em que passei na Itália foi o meu doutorado. Aprendi muito, foi muito importante para minha formação política e intelectual (COUTINHO, 2012, p. 398-399).

A partir do trecho da entrevista de Coutinho, percebemos a forte relação do tradutor e intérprete de Gramsci no Brasil com as principais teses defendidas no Partido Comunista Italiano, em dois diferentes momentos históricos. A primeira, Coutinho em sua frase hiperbólica, “pensava

pela cabeça de Palmiro Togliatti”, explicita a tamanha influência de Togliatti quando começou a traduzir as obras de Gramsci. A segunda se daria no exílio, período em que esteve na Itália, e foi convencido pela leitura eurocomunista do então secretário político do PCI, Enrico Berlinguer, o qual se tornou referência para uma das principais defesas de Coutinho, que virou título de livro, *Democracia como valor universal*.

A localização de referenciais sociais e históricos do pensamento de Coutinho pode auxiliar na compreensão das leituras dos Gramscinianos no Brasil. No entanto, o eurocomunismo, enquanto movimento dos partidos comunistas e do marxismo, não é um bloco monolítico em que existe somente uma posição interpretativa. É preciso aprofundar-se sobre o que estava em curso na Itália e no Brasil para perceber as relações entre os eurocomunistas e as diferentes interpretações de Gramsci. Coutinho nos adverte sobre leituras liberais de Gramsci no Brasil na década de 1980: Não me parece casual que, durante este período, a leitura de Gramsci – em muitos de nossos intelectuais de esquerda – foi combinada com recepção acrítica da obra de Bobbio, como se entre o comunista Gramsci e o liberal Bobbio não existissem contradições profundas (COUTINHO, 2009, p. 41).

Consideramos ainda a interpretação de Alvaro Bianchi (2007), sobre o problema das *leituras liberais*<sup>11</sup> de Gramsci no Brasil se relacionar ao conceito de *sociedade civil* de Gramsci, em apropriações realizadas a partir de Norberto Bobbio. Algo que direciona para uma valorização exacerbada da *sociedade civil*, que se daria por uma oposição mecânica ao conceito de *sociedade política*, e indicaria a ocupação deliberada dos espaços do estado pelos intelectuais marxistas e militantes de esquerda.

### Considerações parciais

A questão formulada e perseguida, baseada na Sociologia do Conhecimento, buscou situar relações sociais, políticas e históricas significativas a produção da obra de Gramsci na Itália e a sua difusão no Brasil. Evidenciamos que assim como o pensamento de *Marx* tornou-se *Marxismo*, o pensamento de *Gramsci* tornou-se *Gramscismo*. Requer, portanto, análise de suas implicações dentro da história do *marxismo* enquanto uma categoria social e histórica. Neste sentido, ser gramsciano ou leitor de Gramsci na Itália no início do século XX, ou na Itália e no Brasil no final

---

<sup>11</sup> Não há como negar a existência de uma leitura hegemônica da obra de Gramsci. Nela, o marxista sardo se afirma como um teórico das supraestruturas, um profeta da “sociedade civil organizada” e um defensor da “conquista de espaços” na democracia. O epicentro dessa leitura pode ser encontrado em uma apropriação reducionista do conceito de Estado em seu sentido “orgânico mais amplo” para qual a interpretação de Norberto Bobbio tornou-se paradigmática. Nessa apropriação, a unidade entre estrutura e superestrutura, sociedade civil e sociedade política, ditadura e hegemonia era cindida e uma relação de antagonismos era constituída em cada um desses termos (BIANCHI, 2007, p. 36).



da segunda metade do mesmo século significa sofrer influência, adesão ou negação, de determinadas teses dominantes na história do Marxismo.

Não conseguimos, com base nessa pesquisa bibliográfica, chegar à definição de qual seria a leitura hegemônica de Gramsci no Brasil. Como analisar empiricamente a influência de Gramsci sobre o pensamento social brasileiro? Entretanto, percebemos que a sua teoria social – produzida numa situação atípica, em uma busca de compreensão, sobretudo, da realidade da Itália no período do fascismo – tende a ser transportada para a realidade brasileira atual sem as mediações necessárias. As questões levantadas podem servir para evitar equívocos na utilização de conceitos e transportes mecânicos da teoria Gramsciniana, construída em outra realidade social e outro tempo histórico, para análises da realidade brasileira no tempo atual.

É válido resaltar que as edições da obra de Gramsci no Brasil foram, por décadas, as edições fragmentadas e temáticas de Togliatti. Somente em 1999 foram publicadas por Coutinho as novas edições da obra de Gramsci. Nesta nova edição, Coutinho constrói uma edição única<sup>12</sup>, portanto uma particularidade histórica. Não se trata da edição crítica de Guerratana, a qual Hobsbawm (2012) chamou de *monumento acadêmico*, nem se trata da velha edição temática de Togliatti, é uma junção que somente um leitor da obra de Gramsci poderia montar. A nova edição de Coutinho traz um problema aos que se pretendem ser estudiosos de Gramsci no Brasil. Continuar a ler Gramsci segundo Coutinho, ou fazer um estudo duplo, via edição crítica Guerratana em outra língua, inglês, espanhol ou no próprio italiano. Qual Gramsci seria hegemônico no pensamento social brasileiro? Ainda pensamos Gramsci de maneira fragmentada e pelas edições temáticas? Qual Gramsci ou quais Gramscismos influenciaram o pensamento social brasileiro?

Por fim, a influência de Gramsci no pensamento social brasileiro não é uma questão resolvida. Trata-se, ainda, de um assunto hermético a ser investigado. Por meio de paráfrase ao próprio Gramsci (2004), *falta compreender melhor a passagem dos marxismos por várias mãos...*

---

<sup>12</sup>Conforme Semeraro “Na organização dos primeiros seis volumes, dedicados aos Cadernos do cárcere, Coutinho opta por um caminho inusitado ao combinar os critérios de agrupamento por assuntos utilizadas pela “edição temática” (aos cuidados de Palmiro Togliatti e Felice Platone), a reconstrução filológica que consta nos textos da edição B e C da edição crítica (organizada por Valentino Guerratana) e algumas sugestões da cronologia estabelecida por Gianni Fracioni, que se baseia na divisão fundamental entre “cadernos miscelâneos” e “cadernos especiais”, sinalizada pelo próprio Gramsci. As *Cartas do cárcere* (2 v.) reproduzem integralmente a edição completa organizada por Antônio Santucci. Os dois volumes de escritos políticos trazem para o público brasileiro uma seleção entre os 1700 títulos produzidos por Gramsci essencialmente em sua atividade jornalística, de 1910 até 1926, ano em que foi preso pelo regime fascista” (SEMERARO, 2012, p. 102).

## **Bibliografia**

BIANCHI, Alvaro. **Gramsci além de Maquiavel e Croce: Estado e sociedade civil nos “QuadernidelCarcerel”**. Utopia e praxislatoamericana, enero-marzo, año/vol. 12, número 036. Universidade delZulia Maracaibo, Venezuela pp. 35-55.

BOTTOMORE, Tom (org). **Dicionário de pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

COUTINHO, Carlos Nelson e KONDER, Leandro. Nota sobre Antônio Gramsci. In: GRAMSCI, Antonio. **A concepção dialética da história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COUTINHO, Carlos Nelson. **A presença de Gramsci no Brasil**. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Número 22, 2009.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2011.

GERRATANA, Valentino. **Gramsci Uma introdução**, 1997. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Acessado em setembro de 2014. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=122>

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**, Vol. 2. Edição e tradução. Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos políticos**, Vol. 1. Organização e Tradução. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HOBBSWAM, Erik. **Como mudar o mundo: Marx e o Marxismo, 1840-2011**. Trad. Donaldson M. Garchagen. 2ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.

HORKHEIMER, Max. **Teoria tradicional e teoria crítica**. Acessado em: Outubro de 2014. Disponível em <http://eleuterioprado.files.wordpress.com/2011/09/aula-9-horkheimer-tradicional-e-crc3adtica.pdf>

LÖVY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. Trad. Juarez Guimarães e Suzanne Felice Léwy. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Tradução Sérgio Magalhães Santeiro. 3. ed Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MARX, K. ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

MONDAINI, Marco. **O socialismo liberal de Norberto Bobbio**. Acessado em Setembro de 2014. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=75>

SAID, Ana Maria. **Uma estratégia para o ocidente: O conceito democracia em Gramsci e o PCB**. Uberlândia: Edufu, 2009.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci no Brasil a contribuição de Carlos Nelson Coutinho**. In: Carlos Nelson Coutinho e a renovação do Marxismo no Brasil. (org) Marcelo Braz. 1ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2012.

SIMIONATTO, Ivete. **Carlos Nelson Coutinho e a incidência no serviço social**. In: Carlos Nelson Coutinho e a renovação do Marxismo no Brasil. (org) Marcelo Braz. 1ª ed. São Paulo: expressão popular, 2012.